

## **A construção VPS na propaganda de rua de Niterói: função e representação**

Paula Vital da Conceição

Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e  
doutoranda da mesma instituição

[vital.paula@ig.com.br](mailto:vital.paula@ig.com.br)

### ***Resumo***

Os estudos da linguagem vêm enfatizando o tratamento das relações entre gramática e discurso. De acordo com essa tendência, com base no funcionalismo linguístico norte-americano, na linha de Givón, Closs-Traugott, Hopper, entre outros, objetivamos analisar a motivação da estrutura do português denominada, tradicionalmente, voz passiva sintética (VPS) utilizada para divulgação de produtos e serviços nas ruas do centro de Niterói. Como resultado, constatamos que, se determinada estrutura é empregada recorrentemente em/para determinada situação comunicativa, isso se deve ao(s) significado(s) que ela articula. Verificamos que a estrutura VPS funciona como uma construção ritualizada, compondo o imaginário coletivo daqueles informantes.

### ***Introdução***

Este estudo analisou a estrutura gramatical do português denominada, tradicionalmente, voz passiva sintética (VPS) – forma disponível no sistema gramatical para representar um processo mencionando o paciente e omitindo, ou melhor, ‘desfocando’ o agente –, empregada em placas e cartazes para oferta de produtos e serviços (ex. aluga-se lojas). Neste estudo, correlacionaram-se as propriedades funcionais dessa estrutura a seu emprego na propaganda de produtos e serviços encontrada nas ruas do centro do município de Niterói.

Para tanto, além da coleta do material (Fig.1 e 2), foram feitas entrevistas com os usuários dessa estrutura: comerciantes, “cartazistas” e consumidores dos produtos e usuários dos serviços oferecidos.



Fig.1 – Placa de oferta de serviço



Fig.2 – Placa de oferta de serviço

Observou-se que a estrutura de VPS, no contexto em que foi analisada, passou a fazer parte do imaginário coletivo (MOSCOVICI, 2005) daqueles informantes. Compreendeu-se inclusive que a parte inicial e mais amalgamada da estrutura – verbo+se – passou a funcionar como uma construção ritualizada, convencionalizada, representativa da propaganda de rua.

Assim, o que antes era considerado icônico, tornou-se arbitrário, por meio de um processo de convencionalização; desgastou-se pelo uso, passou a figurar na mente das pessoas como uma estrutura única, sedimentada, própria para o atendimento daquele objetivo/efeito, perdendo-se a memória de sua motivação, natureza, elaboração e disposição. A fim de viabilizar a análise, buscou-se identificar que noção compreenderia questões como: ritualização, convencionalização, coletividade (social). Para tanto, utilizou-se o conceito, atualmente considerado fenômeno, das representações sociais (explicitado a seguir, nos pressupostos teóricos).

### ***Pressupostos teóricos***

Para a análise, fez-se uso de duas correntes harmônicas de estudo, uma propriamente linguística e outra de viés mais holístico voltada para questões concernentes a grupos sociais, a senso comum, à coletividade. No que tange à primeira, utilizaram-se os princípios, conceitos e ferramentas do funcionalismo linguístico de linha norte-americana. Já no que diz respeito aos temas sociais subjacentes à díade usuário(s)/estrutura, foi aproveitada a noção, desenvolvimento e *status* do fenômeno da psicologia social denominado *representações sociais* (MOSCOVICI, 2005).

### ***Funcionalismo linguístico***

O funcionalismo linguístico compreende a linguagem como um instrumento de interação social. Seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical,

buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. De acordo com Furtado da Cunha *et al.* (2003, p.29):

[...] Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas lingüísticas e seus contextos específicos de uso. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa. Nesse sentido, a estrutura é uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema. (CUNHA *et al.*, 2003, p.29).

Pode-se afirmar que “o ponto central do enfoque funcionalista é o fato de ser a estrutura da gramática explicada como resultado de funções de outras esferas, especialmente os níveis cognitivos e comunicativos”. (MACEDO, 1998, p. 75).

#### *Fenômeno das representações sociais*

Durante o desenvolvimento do trabalho, foi suscitada, a partir da análise e interpretação da entrevista realizada com os usuários da VPS, a necessidade de leitura e pesquisa acerca de uma disciplina ou campo de estudo que desse conta de questões tais como ritualização, simbolismo, representatividade no âmbito discursivo (comunicacional) e circunscritos na coletividade, no social. Numa incursão a fim de atender a esse propósito, verificou-se, no campo da psicologia social, um estudo sobre representações sociais cuja aplicação acreditou-se ser produtiva para o desenvolvimento e compreensão da estrutura analisada. Sobre isso, observe-se o que diz o autor que introduziu o referido conceito:

As representações são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos [...]. (MOSCOVICI, 2005, p. 10).

As representações sociais são formadas, perpetuadas e modificadas através do discurso, da interação entre os componentes de um dado grupo social, elas fazem parte da vida cotidiana, das relações sociais e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros. O conhecimento que “move” as representações sociais, conforme se observa em Moscovici (2005, p.9), “é produto de um grupo de pessoas que se encontram em circunstâncias específicas, nas quais elas estão engajadas em projetos definidos.” E, sobre a importância da comunicação e do discurso nesse processo, veja-se a seguinte citação:

Em longo prazo, a conversação (os discursos) cria nós de estabilidade e recorrência, uma base comum de significância entre seus praticantes. As regras dessa arte mantêm todo um complexo de ambigüidades e convenções, sem o qual a vida social não poderia existir. Elas capacitam as pessoas a compartilharem um estoque implícito de imagens e de idéias que são consideradas certas e mutuamente aceitas. O pensar é feito em voz alta. Ele se torna uma atividade ruidosa, pública, que satisfaz a necessidade de comunicação e com isso mantém e consolida o grupo [...]. (MOSCOVICI, 2005, p. 51).

### ***Procedimentos metodológicos***

Para a realização do estudo, além da coleta do material (registros fotográficos das estruturas VPS – vide anexo), estabeleceu-se um contato com os usuários da construção, através de uma breve entrevista. Da análise do teor das respostas, emergiu a hipótese de que a estrutura vem se ritualizando no grupo “conerциantes/prestadores de serviço” estabelecidos nas ruas do centro de Niterói.

### ***Análise da VPS: aspectos funcionais e representacionais***

A teoria das representações sociais insiste “no laço profundo entre cognição e comunicação, entre operações mentais e operações lingüísticas, entre informação e significação”. (MOSCOVICI, 2005, p. 220). Sobre essa questão, Guareschi e Jovchelovitch (1994, p. 71) afirmam que: “[...] uma representação é mero reflexo do mundo externo na mente, ou uma marca da mente que se reproduz no mundo externo [...]”.

Em virtude do que foi exposto, buscamos descrever e analisar a regularidade da construção/idéia VPS observando seu uso interativo, analisando as condições discursivas desse uso. Apoiando-nos, para tanto, nas orientações de Jodelet (*apud* GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1994, p. 121) sobre o modo como as representações sociais devem ser estudadas: “articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e à realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm”.

De posse da visão funcional, que apregoa que os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes e que, junto à descrição sintática, é fundamental que se investiguem as condições discursivas que envolvem as estruturas lingüísticas e seus contextos específicos de uso, observamos que a estrutura num primeiro momento reflete as circunstâncias e propriedades de seu emprego. Verificamos que se trata de uma estrutura simples, previsível [verbo singular + se + sintagma nominal (SN) plural], cuja

disposição/ordenação atende aos propósitos comunicativos da comunidade linguística. Desse modo, constatamos que “as estruturas sintáticas não devem ser muito diferentes, na forma e na organização, das estruturas semântico-cognitivas subjacentes” (CUNHA *et al.*, 2003, p. 34).

Observamos, com o auxílio do aparato teórico da linguística funcional – dos subprincípios de iconicidade, do conceito de marcação e do critério de transitividade –, que a estrutura, analisada tradicionalmente como pertencente à “voz passiva”, é selecionada, pela grande maioria dos comerciantes – cujas atividades já foram devidamente explicitadas – e cartazistas, em virtude de ser considerada comum, básica para o fim pretendido. Referindo-se à voz passiva em inglês, Givón (1989, p. 44-45) afirma que orações passivas são marcadas em relação a orações ativas, ou seja, se uma oração passiva é selecionada é porque houve uma razão particular para isso, já que a escolha natural seria a ativa. Sendo assim, ao analisarmos a estrutura na direção uso → conceituação, e ainda levando em conta as entrevistas realizadas com os usuários e receptores da construção/idéia, verificamos que a estrutura não é compreendida/utilizada como “voz passiva”, ela constitui, na representação dos usuários, uma construção efetivamente ativa.

Inferimos de seu emprego e da compreensão que os usuários têm dele que a mensagem transmitida possui caráter resumido, eficiente, tornando viável às pessoas que circulam por entre os estabelecimentos, as ruas, entender/captar rapidamente sua proposta. Sua funcionalidade dispensa a aparição explícita de sujeito, uma vez que está claro, tanto para o usuário como para o leitor da estrutura, que o sujeito é aquele que desenvolve a atividade declarada.

Desse modo, pode-se dizer que esse *participante* compõe a construção sob o viés pragmático apenas, ou seja, sua presença é contextual, faz parte da experiência das pessoas envolvidas no processo de produção e recepção da construção. Este seria um dos principais motivos para o verbo permanecer no singular, contrariando a prescrição da gramática normativa. Outra razão para a estrutura ser empregada de forma direta, portando a configuração *verbo – argumento objeto direto (ação → objetos afetados por essa ação)*, diz respeito ao traço cinético positivo do sintagma verbal (SV), que extrapola seu campo semântico, afetando o complemento. Isto é, a estrutura possui verbo de ação, que exprime movimento, realização, cujo sentido corresponde a alguém produzindo/realizando algo que tem como consequência a transformação do objeto. Destarte, usuários e receptores da estrutura reanalisam como objeto direto o que a gramática insiste em classificar como sujeito. Consideramos, portanto, a ocorrência de dois *participantes* na estrutura: sujeito, intencional e

agentivo e objeto, afetado e não-individuado. Este participando completamente da construção, ou seja, de modo estrutural, semântico e pragmático; aquele, figurando apenas semântica e pragmaticamente.

Destaque-se a falta denexo na conceituação do sintagma nominal plural como sujeito também em face da ‘arrumação’ (disposição/ordenação) realizada pelo usuário e compreendida pelo receptor. A aparência padrão das estruturas apresenta o SV como tópico e desvinculado dele, através do emprego de recursos gráficos ou de pontuação, figura uma lista contendo palavras indicadoras de objetos. O desligamento visual entre SV e SN se traduz em menor integração semântico-sintática entre os termos, fato que vem fortalecer a classificação de objeto do SN posposto ao verbo. Ademais, as propriedades funcionais da estrutura assim como a representação social subjacente a ela vêm acarretando a constituição de um clichê da publicidade do comércio de produtos e da prestação de serviços, com características peculiares, distintas das listadas em compêndios de orientação de propaganda e *marketing*. Tal fato pode ser constatado não só na estrutura propriamente dita (SV singular + se + SN plural), em seus recursos de codificação morfossintática; como também nos recursos gráficos, estéticos e de pontuação.

A ênfase dada ao verbo, à ação, observada pela disposição temática dispensada a ele, reflete, segundo Culicover (*apud* MOSCOVICI, 2005, p. 227), nossa representação mental da construção/idéia. O autor afirma que “As relações temáticas estão fundamentadas nos elementos que constituem nossas representações mentais dos acontecimentos. [...] há uma correspondência entre nossa representação mental dos acontecimentos e o sentido das frases empregadas para expressá-los”.

Dessa forma, torna-se inviável proceder ao mecanismo de identificação da estrutura preceituado pela norma gramatical, que na tarefa de explicitação da estrutura faz menção a outra, denominada voz passiva analítica (VPA), ou seja, analisa-se ‘vende-se casa’ através de ‘casa é vendida’. Mais uma vez nos suscita a noção de que os usuários e os receptores da mensagem a empregam, lêem-na, como uma estrutura de voz ativa. Ou seja, a leitura/análise da VPS não está sujeita a leitura/análise de nenhuma outra estrutura. A proximidade dos conteúdos dessa construção tal como organizada/selecionada pelo usuário, em determinado contexto de uso, reflete a representação mental que se tem dela. Pode-se dizer que os conceitos que estão mais integrados funcional, conceptual ou cognitivamente também se manifestam com maior integração morfossintática, uma vez que são colocados mais próximos no nível da codificação.

Vale ressaltar que essa voz ativa encontra-se fora do eixo padrão prescrito pela gramática tradicional, que apresenta o agente ocupando o papel de sujeito/tópico da oração. Não há, nesse caso, nenhum resquício das considerações de Givón (1995, p. 45) acerca do reflexo no discurso da orientação antropocêntrica da cultura humana em posicionar o agente à esquerda da estrutura, uma vez que, na VPS, ele se encontra em plano secundário, enfatizando-se o processo, a ação, a atividade desempenhada.

Pela concepção funcional, verifica-se que os parâmetros de transitividade da VPS se coadunam com algumas das características, citadas em Givón (1995, p. 45), concernentes ao *status* não-marcado da oração ativa: um agente/causa saliente; um paciente/efeito saliente; verbo de ação, de aspecto perfectivo; oração *realis*. Pode, assim, a oração da VPS ser considerada de transitividade relativamente alta.

No que diz respeito à propriedade convencional da VPS, o clítico *se* contribui sobremaneira para o reconhecimento da mensagem e para a divulgação da estrutura em foco. Segundo Azeredo (2002, p. 174-175), “o pronome reflexo, apresenta uma forte tendência à cristalização junto a vários verbos, caso em que deixa de haver **voz reflexa** – um conceito sintático – e se origina a classe dos **verbos pronominais** – que é um conceito morfológico: *comportar-se, pronunciar-se, arrepende-se, queixar-se* [...]”. Acerca dessa propensão à consolidação das formas linguísticas, pode-se afirmar, com base na análise funcionalista e nos pressupostos das representações sociais, que a parte temática da estrutura de VPS – *verbo+se* – cristalizou-se. Em decorrência do uso, ela se tornou arbitrária e convencional, tendo sido perdida a noção da existência de dois itens distintos na construção. Ao que parece, então, verbo e clítico formaram um bloco único, formal e ideacional. Sendo assim, a partir do momento em que se codifica/decodifica ‘conserta-se...’, p. ex., emergem os conceitos relativos ao verbo e ao agente desfocado que tanto participa do processo verbal quanto o deflagra.

O desfocamento do agente se dá sob os vieses semântico e pragmático, enquanto sua indeterminação estrutural gera similaridade entre sua forma e a forma de sujeito indeterminado, não existindo, assim, um item concreto na construção que corresponda ao sujeito. Pelo viés funcional e representacional, o sujeito parece “pisca” na mente dos usuários da estrutura, haja vista suas respostas conterem seus ofícios e eles próprios: “é o que eu faço”, “faço isso há muito tempo”, “é o meu trabalho”. Enquanto também parece figurar na compreensão dos receptores da estrutura que ‘alguém faz alguma coisa’, ‘ali realizam uma atividade’.

O processo de sedimentação de parte da estrutura (*verbo+se*) talvez não tenha ocorrido de forma abrupta, mas através de um processo gradual derivacional, que pode ainda estar em curso. A VPS tal como é articulada fornece sinais de que uma mudança pode estar se processando no suposto itinerário: iconicidade > arbitrariedade. Dessa dinâmica fazem parte domínios culturais e cognitivos, uma vez que a realidade de cada grupo social é que direciona seus usos e representações desses usos. Conforme Givón (1995), questões relativas ao domínio cultural tornam, p. ex., “adulto” e “masculino” o caso não-marcado em face do marcado “jovem” e “feminino”. Similarmente, é o que ocorre com os conceitos “animado” e “inanimado”, segundo o autor, nossa perspectiva cultural egocêntrica como uma espécie animada faz “animado” ser não-marcado e “inanimado”, o caso marcado.

Esse conhecimento inscrito nas experiências ou acontecimentos sustentados por indivíduos e partilhados na sociedade nos permite compreender por que a estrutura de VPS é a primeira opção selecionada pelos entrevistados. Porque, para o alcance do objetivo do grupo, há tempos a estrutura cumpre eficientemente o papel de divulgação de suas atividades. A questão da ‘antiguidade’ da estrutura faz emergir a representação *tradição – credibilidade –* assim, *estabilidade* (manutenção do uso). Segundo Moscovici:

Sempre e em todo lugar, quando nós encontramos pessoas ou coisas e nos familiarizamos com elas, tais representações estão presentes. A informação que recebemos, e à qual tentamos dar um significado, está sob seu controle e não possui outro sentido para nós além do que elas dão a ele.

Para alargar um pouco o referencial, nós podemos afirmar que o que é importante é a natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. É dessa maneira que elas são criadas, internamente, mentalmente, pois é dessa maneira que o próprio processo coletivo penetra, como o fator determinante, dentro do pensamento individual. Tais representações aparecem, pois, para nós, quase como que objetos materiais [...] pois são o produto de nossas ações e comunicações. (MOSCOVICI, 2005, p. 40).

Compreendemos que tanto a estrutura de VPS quanto sua representação podem estar sofrendo um processo de desgaste em virtude da alta recorrência à construção/idéia. No âmbito da linguagem, quando um fenômeno passa a ocorrer de forma previsível e estável, torna possível sua inserção no nível gramatical, em que ocorre sua fixação, processo esse denominado *gramaticalização*. No âmbito das representações, segundo Moscovici (2005, p. 41), “quanto mais sua origem é esquecida e sua natureza convencional é ignorada, mais fossilizada ela se torna. O que é ideal, gradualmente torna-se materializado. Cessa de ser efêmero, mutável e mortal e torna-se, em vez disso, duradouro, permanente, quase imortal”.

Acerca do último mecanismo mencionado, suscitou-nos, após o contato com os informantes da pesquisa, devido à dificuldade de compreensão, ou melhor, de conscientização do que estava sendo questionado, que a natureza convencional da representação era ignorada. A representação – embora fosse partilhada por tantos, embora penetrasse, influenciasse, atingisse satisfatoriamente o objetivo de tornar a comunicação, dentro do grupo, relativamente não-problemática – não era pensada pelo grupo.

Por essa razão, cremos que estrutura e representação caminham para a regularidade, fixando-se como um emblema, que ao ser visto/pensado faz saltar imagens, conceitos e características inerentes à estrutura. Nesse sentido, manifestam-se representações mentais associadas a pequenos e médios comerciantes e prestadores de serviços; a locais simples, construções antigas, não-revitalizadas; a centros comerciais abertos sem muita infra-estrutura; a serviços e estrutura repetitivos, vistos a todo momento nas ruas. Nas palavras de Moscovici (2005, p. 90): “O que nós criamos, na verdade, é um referencial, uma entidade à qual nós nos referimos, que é distinta de qualquer outra e corresponde a nossa representação dela. E sua repetição [...] garante sua autonomia”.

## ***Conclusão***

O estudo realizado caracterizou a VPS como configuração básica de significado funcional e representacional na divulgação de produtos e serviços no centro de Niterói. Verificou-se a existência de uma relação natural, não-arbitrária entre a estrutura “física” da VPS e seu significado, sua expressão, seu potencial comunicativo. O caráter simples e previsível com que os comerciantes fazem uso da estrutura é refletido na alta frequência com que é encontrada no centro de Niterói. Além disso, o modo de organização dos termos linguísticos nos cartazes e tabuletas registrados reproduz de modo respectivo a proximidade dos conteúdos do ponto de vista cognitivo e a importância dada pelo usuário ao processo (atividade) e, conseqüentemente, à construção verbo+se.

Ademais, a partir do contato estabelecido com os usuários da VPS, visando buscar dessa interação motivações para o emprego da referida estrutura, constatamos que, além dos aspectos icônicos, há a presença de aspectos simbólicos em seu uso. Seu *status* simbólico estabelece o vínculo entre usuários e constrói/evoca imagens relacionadas com a acepção da forma advinda do modo como é empregada e dos elementos que sobrevêm da mensagem, como: tipo de usuário, local, divulgação; o próprio caráter emblemático da construção

“verbo+se”. A estrutura, portanto, vem se constituindo num clichê da propaganda de rua, com características próprias.

Assim, verificamos a existência de indícios de que a VPS se tornou consagrada pelo uso numa hipotética trajetória derivacional *iconicidade* > *convencionalidade*.

### **Referências**

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos da gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

\_\_\_\_\_. *Mind, code and context: essays in pragmatics*. Hillsdale: N. J. Lawrence Erlbaum, 1989.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Funcionalismo. *Revista Veredas*, Juiz de Fora, n. 2, p. 73-88, 1998.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

NEVES, Maria H. de Moura. Uma visão geral da gramática funcional. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 38, 1994.